



GT 45. Etnografias da natureza: repensando dualidades

Coordenador(es):

Glúcia Oliveira da Silva (PPGMA UERJ)

Bernardo Lewgoy (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (IPHAN)

Sessão 2

Debatedor/a: Annelise Caetano Fraga Fernandez (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A postura relativizadora que acompanhou o desenvolvimento da Antropologia como disciplina vem ganhando novos contornos com a crítica ao antropocentrismo e ao determinismo cultural. Com esse GT, pretendemos discutir textos teóricos ou etnográficos que instrumentalizem a compreensão sobre práticas humanas de modo a questionar a existência de um grande divisor e todas as outras fraturas dele decorrentes. Nessas últimas incluímos, a título de exemplo, as dicotomias presentes em contextos de colaboração, predação ou activity produtiva, estabelecidas por grupos humanos com outros seres vivos; são algumas delas: selvagem/domesticado/animais de companhia, caçador/caça, pescador/pescado, agricultor/culturas, etc. Outras oposições, tais como espécies nativas/ espécies exóticas, saber científico/saber popular/tradicional, podem ser acionadas quando espécies se tornam alvo de preservação ou de extermínio. Nas práticas científicas podem surgir ainda as distinções entre sujeito/objeto, pesquisador/cobaia, homem/máquina, artificial/natural, moderno/tradicional e seus desdobramentos. O GT pretende assim reunir trabalhos que convidem a pensar em novas possibilidades de descrever, analisar e interpretar esses e outros contextos, que vão deixando de ser exclusivamente sociais, como queria a antiga Antropologia, pressupondo a dissolução das fronteiras entre natureza e sociedade/cultura, na prática etnográfica.

Desdomesticar: desafios humanos e não-humanos na reintrodução de animais silvestres

Autoria: Joana Silva Macedo (UERJ FFP)

Em cenários alarmantes de defaunação de ambientes naturais, a reintrodução de fauna localmente extinta constitui importante agenda positiva para a biologia da conservação. No entanto, o sucesso das iniciativas de reintrodução é historicamente baixo. Um dos desafios é adaptar animais silvestres criados em cativeiro para a vida livre, o que inclui a busca por alimentos, reação à predadores e a desvinculação da figura humana como provedora de alimentação. Neste work apresentarei a experiência de ?desdomesticação? de antas (*Tapirus terrestris*) em um projeto de reintrodução desse animal nas florestas do estado do Rio de Janeiro. Desde dezembro de 2017, dez animais foram reintroduzidos na RPPN Reserva Ecológica de Guapiaçu, contígua ao Parque estadual dos Três Picos e localizada no município de Cachoeiras de Macacu. A relação de pesquisadores, tratador, moradores do entorno e turistas com as antas foram sendo moldadas com os limites e falhas dos equipamentos de monitoramento, as idiosincrasias comportamentais dos animais e os afetos despertados pela sua presença. O comportamento dócil e a aproximação ativa de antas em busca de alimento trouxeram problemas práticos que demandaram o desenvolvimento de técnicas de afugentamento, e, ao mesmo tempo, provocaram fornecimento de comida, contatos físicos e muitas selfies. Felizmente, os animais foram aos poucos assimilando a nova condição e passando a ter atividade mais noturna e comportamento um pouco mais arisco. Assim como a domesticação é um processo, o contrário também é



observado. Não tratar como doméstico animais em processo de ?desdomesticação? e assumir a independência e as dificuldades da vida na Floresta Atlântica são desafios postos para humanos e não-humanos, no processo de restabelecer populações silvestres.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: